

A ESTEREOTIPAÇÃO DA MULHER NEGRA E OS REFLEXOS NO TURISMO BRASILEIRO

Larissa Regina Antunes Santos

Amanda de Jesus Sant Clara Berteli

Renan Medeiros Arantes

RESUMO: Este estudo preliminar visa identificar os reflexos da estereotipação da mulher negra para o turismo no Brasil. Fazendo um resgate histórico desde o período colonial, aos dias atuais. Para atingir o objetivo proposto, foi realizado levantamento bibliográfico para entendimento acerca do tema, além da pesquisa em blogs e artigos. A fim de destacar a importância da desconstrução de estereótipos intrínsecos na sociedade vigente.

Palavras-chave: Turismo; Estereótipo; Mulher; Negra.

ABSTRACT: This preliminary study aims to identify the effects of the stereotype of black women for tourism in Brazil. Making a historical review from the colonial period to the present days. To reach the proposed objective, it was accomplished a literature to understand the subject and research on blogs and articles. In order to emphasize the importance of deconstructing the stereotypes inherent in the current society.

Keywords: Tourism; Stereotype; Women, Black.

INTRODUÇÃO

Entre as vertentes do preconceito, podemos colocar o racismo como elemento principal da desigualdade nas relações sociais e ainda destacar a mulher negra como vítima principal, pois além de sofrer com o racismo, sofre com o machismo velado presente na atual sociedade. Sociedade essa que estabelece que o racismo já é uma questão superada, que não existem desvantagens ligadas às questões de classes, de gênero, inserção no ensino superior e equidade trabalhista.

Nascer mulher perante a atual sociedade representa uma luta diária, exposta a salários desiguais, violência física ou sexual, além das fortes influências dos padrões impostos pelas mídias. Não há representação negra nos principais meios midiáticos, causando uma submissão do pensamento racial, ou seja, o padrão eurocêntrico de beleza que alimenta a indústria exclui a beleza negra, tornando-a censurada ou até inexistente.

Dentro deste contexto, ser mulher e ainda negra faz com que a luta cotidiana seja ainda maior, aumentando as chances de sofrer violência policial, a estigmatização da própria cultura e ainda sofrer com os reflexos da sexualização do corpo negro feminino, um problema que surgiu na herança escravagista e que permanece nos dias atuais com a jogada do capital para a manutenção da venda do carnaval, onde a mídia apresenta a mulher negra como “mulata de carnaval”, estereotipando-a como, resultando em uma imagem totalmente erotizada.

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas „só corpo, sem mente”. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as „mulheres desregradas” deviam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado (HOOKS, 1995, p. 469).

Desse modo, o objetivo deste trabalho é apresentar os reflexos da estereotipação do corpo da mulher negra brasileira para o turismo no Brasil, buscando um resgate histórico do período colonial e do atual cenário do turismo no país. Destacando a importância da desconstrução desses estereótipos.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi embasado em pesquisa bibliográfica exploratória e em sites e blogs de discussões acerca do papel da mulher negra na sociedade atual.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde o período colonial, o Brasil era visto pelos colonizadores como paraíso, devido a abundância de recursos naturais. Já nos primeiros registros, feitos pelos portugueses sobre as primeiras impressões do “novo território”, é possível notar, através de sua escrita, uma idealização do corpo feminino. Como a carta de Pero Vaz de Caminha (2002):

Também andavam, entre eles, quatro ou cinco mulheres moças, nuas como eles, que não pareciam mal. Entre elas andava uma com uma coxa, do joelho até o quadril, e a nádega, toda tinta daquela tintura preta; e o resto, tudo da sua própria cor. Outra trazia ambos os joelhos, com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas e com tanta inocência descobertas, que nisso não havia nenhuma vergonha. Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.

Esse contexto imaginário que foi construído sob o corpo feminino índio, a princípio, por conta de suas características físicas que iam contra o padrão eurocêntrico, foi fortemente fomentado a partir do momento em que houve de fato a colonização e a permanência da metrópole no país, e aumentou ainda mais com a chegada de mulheres escravas negras e leis impostas pela Igreja e o Estado. Dessa forma, iniciou-se a construção da imagem estereotipada do corpo da mulher, que era tratada como um objeto disponível aos prazeres do homem, acarretando consequências como a violência e o abuso contra o corpo da mulher negra. Segundo Nascimento (2003), esse processo consistiu também em violência no nível simbólico e identitário, reproduzindo e disseminando o racismo e o sexismo.

A mulher escrava negra além de enfrentar a violência racial, viver em condições precárias, sofriam também com o machismo, vivenciando-o em seu cotidiano. Eram discriminadas e consideradas inúteis e irracionais, totalmente submissas, servindo apenas como serviçais e objetos de desejo sexual aos seus colonos. Esse fato se deu por serem vistas como mulheres exóticas, por possuírem um corpo mais robusto e sendo transformadas em símbolo do pecado. Desde modo, a construção da imagem da negra como símbolo sexual vem desta herança histórica escravagista, do processo de colonização imbuída de racismo e machismo. Nesse sentido, essas marcas históricas perfazem o cotidiano da mulher brasileira na sociedade vigente, fazendo com que as mesmas sofram os mesmos processos de erotização do corpo e de submissão ao machismo intrínseco a todas as esferas sociais.

O turismo foi um dos incentivadores da estereotipação depreciativa do corpo da mulher negra, divulgado como “paraíso das mulatas”, o corpo da mulher negra passou a ser reconhecido como atrativo turístico brasileiro, fomentando a erotização e apresentando o país como “jardim dos prazeres”.

Segundo Krippendorf (2003, p. 40, 41) “[...] o imaginário de paraíso é fortemente vinculado pelos empresários do turismo, pois estes agem segundo seus próprios interesses econômicos, interesses de receber grandes quantidades de turistas, sem preocuparem-se com a motivação que levou estes turistas ao destino”. Uma vez que os turistas estrangeiros chegam ao Brasil dando preferência às mulheres negras que representam o exótico para eles, causa a falsa aparência da ascensão social da negra. Essa realidade apenas afirma as dicotomias em relação ao corpo feminino negro, demonstra uma mistura de invisibilidade e indesejabilidade, que é fortalecida com a presença majoritariamente branca. Isso pode ser verificado por meio das representações midiáticas que ressaltam somente os padrões de beleza provenientes de mulheres brancas. Um contraponto pode ser analisado a partir do momento em que a mulher negra é percebida por meio das suas belezas corporais, quando é vista como um padrão de beleza exótica, elemento que serve como atração para o turista que chega ao Brasil em busca do prazer sexual.

Dois anos após o golpe militar de 1964, houve a criação do Instituto Brasileiro de Turismo - EMBRATUR, que produziu um material de divulgação turística, onde se exaltava a nudez feminina nas praias e no carnaval. Foram gerados *folders*, *posters* e filmes produzidos, além da mostra das “mulatas brasileiras” ocorridas ao redor do mundo, para os mais variados públicos. Santos Filho (2008), aponta que “o discurso turístico foi utilizado tanto pela ditadura de Vargas como pela ditadura militar para ocultar a repressão e exaltar uma identidade harmônica de nação.”

Um exemplo claro da visão estrangeira sobre o Brasil foi a repercussão no ano de 2014, durante a Copa do Mundo, onde a marca Adidas lançou camisetas com conotação sexual do corpo feminino brasileiro. Uma das camisas estampa a frase “I love Brazil” (Eu amo o Brasil). O “love”, no caso, vem em formato de uma nádega feminina. Na outra, em que uma mulher de biquíni segura uma bola, está escrita a frase “Lookin’ to score in Brazil” (Buscando marcar gols no Brasil), que pode ter duplo sentido, sendo “pegar mulheres no Brasil”. A EMBRATUR se pronunciou afirmando que o Brasil não aceitará que mundial de futebol seja usado para práticas ilegais. Após reação do governo brasileiro e repercussão negativa, a marca alemã retirou as camisetas do mercado (site oficial e lojas nos Estados Unidos).

Isso apenas demonstra a imagem internacional do Brasil, imagem essa, que é tão importante para o turismo que acaba determinando o desenvolvimento ou retrocesso de uma localidade. Neste sentido, mesmo com a criação de leis e campanhas de conscientização, ainda é perceptível o processo de estereotipação da mulher negra brasileira, o que demonstra a necessidade da desconstrução dessa imagem, em parâmetros nacionais e internacionais.

CONCLUSÃO

Diante disso, é inquestionável que o machismo continua embutido de forma velada dentro de nossa sociedade, as mulheres, principalmente negras, continuam tendo seus corpos estereotipados e sexualizados, em parâmetros nacionais ou internacionais.

Os reflexos da época escravagista, que foram fomentados pela maneira com que o Brasil foi divulgado turisticamente estão presentes e trazem consequências para mulheres negras nos dias atuais. Mesmo com a proibição de material de divulgação turística com conotação sexual ou que se refere às mulheres como atrativo turístico, o Brasil ainda é visto internacionalmente como um país carnal que ostenta mulatas gostosas, e ainda hoje, turistas visitam os país motivados pela atratividade de corpos brasileiros, e tratam as mulheres como objetos.

REFERÊNCIAS

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Caminha (1500)**. São Paulo: Martim Claret, 2002.

HOOKS, B. **Intelectuais Negras**. Revista Estudos Feministas, V.3, nº 2, 1995.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: Para uma Nova Compreensão do Lazer e das Viagens**. São Paulo: Aleph, 2003.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da Cor: Identidade, Raça e Gênero no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2003.

SANTOS FILHO, João dos. **Ditadura militar utilizou a Embratur para tentar ocultar a repressão, a tortura e o assassinato**. In: Saber Acadêmico/Revista Multidisciplinar da UNESP, nº 5, jun. 2008.